

JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

Abril
Maio 2013

Impresso
Especial
9912290805/DR/BSB
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE
ESCRITORES

ANO VIII
nº 51

www.anenet.com.br

ELOS ENTRE BRASIL E IRLANDA

José Carlos Brandi Aleixo

No período colonial, muitos irlandeses vieram ao nosso país. São exemplos: os jesuítas Tomás Filds, de Limerick, missionário nos sertões e em São Paulo de Piratininga, e Tomás Lynch, de Galway, Provincial de 1750 a 1753; Nicholas George Gwerch, de Waterford, escriturário na Real Extração de Diamantes, preso em Ouro Preto sob a acusação de apoiar a Inconfidência Mineira de 1789. Foi liberado por falta de provas. E o oficial da Marinha Britânica Thomas O'Neill, testemunha da transferência da Família Real de Lisboa para o Brasil e o autor de obra sobre ela.

Continua na página 5

POESIA AGORA

Alberto Bresciani

. *Memória dos porcos*, de Ronaldo Costa Fernandes.

Editora 7 Letras, 112 págs.

O quinto livro de poesia de Ronaldo Costa Fernandes confirma o que todos sabem: trata-se de escritor e poeta refinado, a cada momento ainda mais senhor de seu ofício. *Memória dos porcos*, em edição bem executada, desafia a sensibilidade do leitor, suas emoções, ao expor à luz a passagem do tempo, as esperas que assombram ou estimulam, tudo com poemas-iceberg (sob o escrito

aparente e já catalisador, aprofunda-se muito maior volume de significados). Ecologia do corpo: "Nesta terra devastada mais devastado é meu coração. / As aves que aqui gorjeiam são corvos de Poe. / Meu espanto é um cacto / e, ao desflorestamento dos meus desejos, / nada tenho de mim além da minha segura. / Aos poucos seria catástrofe e ninguém me plantará."

Continua na página 7

DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS

Fabio de Sousa Coutinho

Quando Milton Campos faleceu, Carlos Drummond de Andrade, ninguém mais, ninguém menos, escreveu sobre o amigo morto: "Ele foi o homem que eu queria ter sido".

Ao me candidatar à vaga de Waldemar Lopes nesta Academia, tive plena consciência da dimensão da empreitada, conhecedor que sou da biografia do incomparável sonetista e do edifício estético que ele construiu. O que não me ocorreu naquele momento foi a circunstância de que o patrono da Cadeira nº XIX é Castro Alves, nome que, por si, constitui caso único de amálgama de substantivo e adjetivo, representando o que há de mais importante poeticamente e mais relevante politicamente, na História da Inteligência brasileira.

Deparei-me, portanto, com um desafio infinitamente superior ao que já sabia enorme, a exigir que me superasse, mesmo em ambiente de louvação. Tive presente, então, a título de lição a ser entendida e resolvida a contento, a máxima de um de meus maiores ídolos literários, George Bernard Shaw. Escreveu o sábio irlandês: "Há duas tragédias na vida. Uma é não conseguir o que deseja seu coração. A outra é conseguir".

Ora, tragédias se enfrentam. Elas nos arrastam a profundezas insondáveis, ou nós as carregamos como os degraus que devemos escalar na busca da coisa mais rara do mundo, viver, já que a maioria das pessoas apenas existe.

Continua na página 6

O HOMEM SOLITÁRIO

Ruy Nedel

Alfredo vivia só em um ermo. Não fora assim no passado. Nem o ermo, tampouco o solitário.

Alfredo passara a ignorar datas e tempos, dias úteis da semana e domingos; obrigações laborais e deveres cristãos. Há tempos olvidara festas e encontros com os amigos.

Esqueceu tudo, menos o nome da finada. Desde sua morte nunca mais pronunciou o nome da mulher amada, que fora a esposa – companheira. No entanto, o nome de Marta martelava-lhe a mente, em vigília e nos sonhos. Na cama deitava em diagonal, a partir do travesseiro dela em silenciosa angústia, tentando dissimular o espaço vazio no leito nupcial.

Continua na página 11

GRACILIANO RAMOS, AOS 120 ANOS DE NASCIMENTO

M. Paulo Nunes

Há dez anos, a propósito dos 110 anos de nascimento do romancista Graciliano Ramos, publiquei, pela Livraria e Editora Corisco, um livrinho em sua homenagem, a que intitulei *A lição de Graciliano Ramos*, do qual deverão restar ainda alguns exemplares esquecidos nas estantes da empresa que o editou. Assim, em homenagem aos dez leitores fiéis ao autor, que Machado de Assis reduz a cinco, no antelóquio das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, reproduzo, a seguir, um texto daquela obra, com a finalidade de igualmente comemorar os 120 anos de nascimento de um dos melhores escritores da língua portuguesa.

Continua na página 3

ORDÁLIO, ORDÁLIA

Danilo Gomes

Li, um dia, a palavra ordálio. Não consegui situá-la no contexto. Na verdade, não sabia seu significado. Apressado, segui em frente. Mas a palavra, bonita, ficou, como se nome fora de uma flor. Ordálio, papiro, capitel, portulano, incensário de um templo muito antigo, no Egito, na Grécia, em Babilônia. Sim, a palavra bonita ficou, como um arranjo floral, um mágico termo cerimonial de antigos ritos de Elêusis, de Tebas, de Luxor, de Persépolis, de Karnak, de Roma, de Cartago, de antigos celtas. Como um termo enigmático e hieroglífico do velho templo egípcio de Philae... Um nome associado a antigas dinastias assírio-babilônicas ou de Corinto ou de Constantinopla, de Alexandria, de Creta. Ordálio.

Intrigado com a poeticidade da palavra, fui ao dicionário do mestre Antônio Houaiss. E lá estava, prosaico, pedestre como uma feira de sábado de pequena cidade, este verbete, longe das musas e das ninfas e nereidas, longe de arcanos mistérios gnósticos dos tempos do Rei Salomão e da Rainha de Sabá (ou Sabah, se preferirem): “Prova Judiciária destinada a inocentar ou inculpar um acusado. O ordálio, também chamado Juízo de Deus, foi muito usado nos primeiros séculos da Idade Média. Consistia em submeter à prova do fogo ou da água o acusado, que, se dela saísse salvo, era em geral declarado inocente.”

Na verdade, o ordálio era uma tortura, um suplício medieval, como uma maquinação diabólica, esconjuro! As palavras, às vezes, nos enganam. Ordálio. Ocorreu-me ordália, como se decorrente de dália, cândida flor caseira. Palavra puxa palavra, conversa puxa conversa e o texto vira crônica de um homem setentão aposentado e com quatro netos, como este escriba do século passado. Por con-

seguinte, dalias, gerânios, tílias, crisântemos, papoulas, margaridas, flores-de-lis do Reino de França, lírios, rosas, macelas, orquídeas (nada mais belo no reino das flores).

Voltando ao tal ordálio. Senhores, esse ordálio me enganou, me jogou na fogueira, esse tal ordálio. Ou me deu um banho. Na leitura do texto, apressado, não o situei como devia, socorrido pelo Houaiss ou pelo Aurélio. Soou a flor, a ordália, dália, coisa mansa e bonita de se ver, se contemplar e se amar de casto amor. Flor-de-cheiro qualquer, de que a Mãe Natureza é pródiga, dadivosa que nem ela. Pois sim! Era um castigo, um terror medieval, coisa das trevas, *libera nos Domine!*

E agora? Agora, para nos esquecermos dos suplícios da implacável Inquisição, tentemos construir, das cinzas do triste passado dos Torquemadas e Savonarolas, uma bela dália, uma flor que possamos ofertar a Nossa Senhora, em maio, na secular cerimônia da coroação, ou neste instante, e sempre.

Mais ou menos assim: “Senhora, aceitai, em remissão dos antigos suplícios, especialmente os infligidos a inocentes, a ordália perfumada que ora vos ofertamos, bela e cândida, como uma dália orvalhada num altar recendendo a incenso e mirra. Uma dália, Senhora nossa, imantada pelos silvestres perfumes da manhã no campo, na manhã que desponta, com os cânticos das aves e o clarinar dos galos. Esses sons, Senhora, rompem lentamente o silêncio que precede a aurora que desponta, celebrando a glória de Deus.

Aceitai, Senhora dos Milagres e das Bem-Aventuranças, nossa pequena oferenda: a cândida, pura, perfumada ordália que ora, prostrados a vossos pés que subiram dolorosamente o Calvário na Hora Nona, vos ofertamos.”

Soneto do Mês



CÍRCULO VICIOSO

Paulo Mendes Campos

Bailando sem jogar, gemia o Macalé:

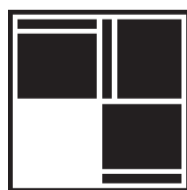
– Quem me dera que fosse o preto Moacir,
que vive no Flamengo, estrela a reluzir!
Mas a estrela, fitando em Santos o Pelé:

– Pudesse eu copiar o bom praça de pré,
um cobra que jamais encontrará faquir,
sempre a driblar, a ir e vir, chutando a rir!
Porém, Pelé, fitando o mar sem muita fé:

– Ah se eu tivesse aquela bossa de tourada
que faz de qualquer touro o João de seu Mané!
Mas o Mané deixando, triste, uma pelada:

– Pois não troco Pau Grande por Madri, Pelé,
e mesmo o Botafogo muito já me enfada...
Por que não nasci eu um simples Macalé?

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefone: (61) 3244-3576 – Fax: 3242-3642
E-mail: ane.df@terra.com.br

25ª DIRETORIA
2013-2015

Presidente: Kori Bolívia
1º Vice-Presidente: José Carlos Brandi Aleixo
2º Vice-Presidente: Fontes de Alencar
Secretário-Geral: Fábio de Sousa Coutinho
1ª Secretária: Maria Célia Nacfur
2ª Secretária: Ariosvaldo Pereira de Sousa

1º Tesoureiro: Marco Coitelli
2º Tesoureiro: Eugênio Giovenardi
Diretora de Biblioteca: Thelma Rocha Pinheiro
Diretor de Cursos: Wilson Wander Lopes
Diretor de Divulgação: Jacinto Guerra
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Alan Viggiano,
Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Jeronymo Rivera,
José Santiago Naud, Napoleão Valadares e Romeu Jobim.

Jornal da ANE nº 51 – abril / maio de 2013

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Revisão

José Jeronymo Rivera

Conselho Editorial

Anderson Braga Horta
Danilo Gomes

Programação Visual

Cláudia Gomes

Composição e impressão: Centro Editorial e Multimídia de Brasília.
SIG. Qd. 8 - Lote 2356 - CEP: 70610-480 / Brasília - DF - (61) 3344-3738
www.thesaurus.com.br

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho.

GRACILIANO RAMOS, AOS 120 ANOS DE NASCIMENTO

M. Paulo Nunes

« A passagem dos 50 anos da morte do romancista Graciliano Ramos, a maior figura literária do modernismo, deveria ser celebrada em todo o país, de modo especial pelo novo governo da República, uma vez que a obra do autor de *Vidas Secas*, além de sua notável construção estilística, representa um testemunho sobre a realidade social brasileira, porquanto muitas de suas análises e prospecções de nossos problemas sociais – como a injustiça, o latifúndio, a miséria e a fome – representam como que uma antecipação das propostas do atual governo para a solução de nossos seculares problemas. Não é isto, entretanto, o que vem ocorrendo, uma vez que essas comemorações se cingem apenas ao âmbito acadêmico.

Nascido no final do século XIX (1892), em Quebrangulo, em Alagoas, Graciliano, aos poucos, vem ganhando dimensão universal, a tal ponto que hoje tem a sua obra traduzida em todas as línguas cultas, em sucessivas edições. O romance *Angústia* que, ao sair, achava ele que não iria além da primeira edição, já beira hoje a meia centena, tendo sido, ao longo do tempo, objeto de análise e interpretação de inúmeros estudiosos do fenômeno literário brasileiro.

Voltando à análise da realidade social do país, dizíamos que sua obra é daquelas que mais de perto a focalizaram. Porquanto, a partir de seu livro de estreia, *Caetés*, de 1933, que retrata, como bem o disse um

crítico a respeito de Eça de Queiroz, o tédio do localismo, ao fixar a sua intriga numa cidadezinha do interior brasileiro, a mesma coisa que fizera o autor de *Os Maias*, com sua obra de estreia, *O Crime do Pe. Amaro*, empreende o nosso autor uma análise em profundidade dos mais graves problemas sociais do país. Assim ocorre, em *São Bernardo*, ao meter-se o narrador na pele de um obsessivo proprietário rural, Paulo Honório, que enxerga tudo ao redor como coisas ou extensão de sua propriedade, inclusive a própria mulher, Madalena, a quem leva ao desespero e ao suicídio. Em *Angústia*, temos o retrato da burguesia periférica de uma cidade de província, de par com o desenho dos caracteres que a povoam, dos quais se destaca um personagem dostoievskiano, Luís da Silva, com uma personalidade obsessiva que o leva à loucura e ao crime. Finalmente, em *Vidas Secas*, através dos poucos personagens que nele atuam, como aquela emblemática família de retirantes, constituída por Fabiano, Sinhá Vitória, os dois meninos e a cachorra Baleia, temos o drama da seca, da fome e da miséria seculares que vem assolando a trágica realidade nordestina, até hoje sem solução, porque no dia em que a solucionarmos, acaba-se em nosso país o domínio do coronelismo que alimenta, de longa data, o clientelismo político nesta desamparada região brasileira. Finalmente,

em *Memórias do Cárcere*, a denúncia mais violenta que entre nós já se fez de uma fase política das mais hediondas da história republicana, somente ultrapassada pela que veio uma década depois de sua morte, com a chamada “revolução de 1964”, perfaz-se esta saga da história de um país que se tem escrito quase sempre com lágrimas e sangue. Neste particular, como dizíamos acima, esse livro do velho Graça supera todas as grandes obras que tratam do assunto, como *Recordações da Casa dos Mortos*, de Dostoievski, *Minhas Prisões*, do italiano Silvio Pellico, e o seu homônimo, *Memórias do Cárcere*, de Camilo Castelo Branco.” (Ob. cit., pp. 16-18)

Para concluir, reproduzo a definição de estilo recolhido pelo autor no exemplo do ofício das lavadeiras de seu estado natal, Alagoas:

“Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem o seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam anil e sabão e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando água com a mão. Batem um pouco na laje ou na pedra limpa e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de ter feito tudo isto é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. Secar a palavra ao sol e fugir do gerúndio como o diabo da cruz”, aconselhava. (Ob. cit., pp. 14-15)

ANE TEM NOVA DIRETORIA

Dia 2 de abril de 2013, às 19h realizou-se no Edifício Sede da Associação Nacional de Escritores – ANE, Ed. Escritor Almeida Fischer, Assembleia Geral para eleição de sua nova diretoria para o biênio 2013/2015, eleitos os seguintes membros: Presidente, Sra. Kori Yaani Bolivia Carrasco Dorado (nome literário KORI BOLIVIA); 1º vice-presidente, José Carlos Brandi Aleixo; 2º vice-presidente, Fontes de Alencar; Secretário-Geral, Fabio de Sousa Coutinho; 1º secretário, Maria Célia Nacfur; 2º secretário, Ariovaldo Pereira de Sousa; 1º tesoureiro, Marco Coiatelli; 2º tesoureiro, Eugênio Giovenardi; Diretor de Biblioteca, Thelma Rocha Pinheiro; Diretor de Cursos, Wílon Wander Lopes; Diretor de Divulgação, Jacinto Guerra; Diretor de Edições, Afonso Ligório.

NOVO LIVRO DE AMAURY MEDEIROS

Marco-Aurélio de Alcântara

O escritor, acadêmico e urologista Amaury Medeiros prepara um novo livro para o qual dei a minha colaboração que ele pediu na linha de autor de *O Triunfo de Eros – Sexo e Símbolo na Escultura de Brennand*. E adiantei-me para informar a Francisco Brennand, enviando-lhe cópia da análise crítica sobre o livro que estará destinado a ser um best seller. O título escolhido por Amaury Medeiros causa impacto: *Memórias de um Pênis – Uma Breve História Cultural*. O autor criou uma personagem que dialoga com um amigo e passa a descrever-se não só do ponto de vista anatômico, parte integrante do corpo do Homem, como também envereda pela sua interação social, abrangendo a história do seu nome desde a Antiguidade Clássica até aos nossos dias. O médico – autor, que é um dos mais renomados cirurgiões de próstata do Brasil, dedica ao Falo ou Priapo vários capítulos da sua travessia, como parte integrante da função viril. Em vários capítulos do ensaio, Amaury Medeiros trata da visão das sociedades ocidentais e orientais ao desempenho das funções sexuais do Homem, incluindo as reações que recebia dos romanos, gregos, chineses e também do tratamento que lhe davam – e ainda lhe dão – várias religiões, inclusive o Judaísmo e certas tribos africanas. Após ler os originais que Amaury Medeiros me enviou, para uma análise crítica, na minha condição de editor e pesquisador, recolho a impressão que o leitor burguês ou bem-pensante vai achar que o livro pode parecer pornografia, sob a capa de estudo científico ou sociológico ou antropológico. Em que pesem algumas historietas curiosas sobre situações comprometedoras para o Falo, o livro não é uma coletânea de anedotas ou de piadas para teatro cômico. Como assinalava Francisco Brennand em carta que me enviou, citando o historiador Arnold Toynbee, “o sexo, mais do que a morte, deixa o homem diante de uma perplexidade insuportável”. E Camille Paglia diz que “se entendêssemos o sexo, compreenderíamos o universo; e isto não é possível”. Amaury Medeiros ainda está indeciso sobre a ilustração que o livro deve ter na 1ª capa, mas o artista genial da Várzea do Capibaribe pôs-lhe à disposição quatro fotografias para escolha, todas de esculturas suas – “Pan”, “Priapo”, “O Nascimento do Roca” e “A Torre de Babel”. São tantas e provocativas as sugestões que chegam a Amaury Medeiros para o seu livro, que ele se sente indeciso. Mas breve ele irá visitar a Oficina Cerâmica de Francisco Brennand com toda uma bagagem de ciência e pesquisa e o desafio de resumir tudo que sabe sobre Falo (ou Priapo), na sua peregrinação de médico.

Cultura em Debate

Afonso Ligório

KORI BOLIVIA, NOVA PRESIDENTE DA ANE



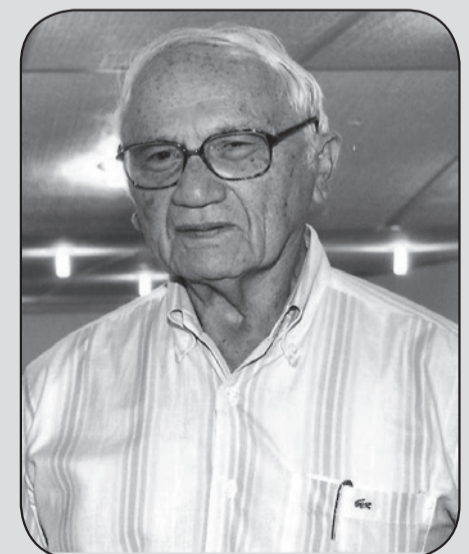
A Associação Nacional de Escritores elegeu na terça-feira, dia 4 de abril, a poetisa Kori Bolivia nova presidente da entidade.

Depois de cumprir o seu mandato, deixa a direção da casa o escritor José Peixoto Júnior, que, com respeito e dignidade, levou avante uma dinâmica e proveitosa administração, exatamente no período em que a entidade completa

meio século de funcionamento.

Foi durante a administração Peixoto Júnior que a ANE fez 50 anos de vida ativa, acontecimento lembrado com festividades que marcaram a data.

No período, Peixoto autorizou uma edição especial do Jornal da ANE na qual assinalou a importância do evento para o meio cultural brasileiro, lembrando com fotografias e textos o período de cada presidente, a partir do fundador Almeida Fischer. No decorrer das comemorações foram ainda expedidos diplomas e lançados dois livros, um dos contos com trabalhos de não associados, e outro, coletânea de textos de associados.



Kori Bolivia recebe, assim, uma ANE renovada, pronta para cumprir mais uma etapa de existência, com todos os seus departamentos funcionando com regularidade, o que engrandece a administração José Peixoto Júnior e dos que o antecederam.

ELOS ENTRE BRASIL E IRLANDA

José Carlos Brandi Aleixo

Mas entre as pessoas irlandesas partícipes da história do Brasil merece particular relevo Narcisa Emilia O’Leary. Fato fundamental foi o seu casamento com José Bonifácio de Andrada e Silva, em 31 de janeiro de 1790, em Lisboa, no oratório da residência de Dom Bartolomeu Manuel Mendes dos Reis, Bispo Resignatário de Mariana (MG). O registro do enlace encontra-se nos arquivos da Torre do Tombo, em Lisboa.

Narcisa, durante os 39 anos de união conjugal, compartilhou os momentos de glória e de infortúnio do esposo. Entre 1800 e 1819, foi a consorte do pesquisador e professor eminente da Universidade de Coimbra e do bravo oficial da resistência à invasão napoleônica. Nos cinco anos de residência no Brasil, de 1819 a 1823, viu o marido ser primeiro-ministro de Dom Pedro I e constituinte combativo, de maio a novembro de 1823. Dissolvido o parlamento, fez com ele e outros deportados a penosa e prolongada viagem do Rio de Janeiro a Bordéus.

Após cinco anos de doloroso exílio na França, no regresso ao Brasil, ela morreu repentinamente no navio Phenix, em 23 de julho de 1829, e foi sepultada em jazigo da Igreja do Carmo, no Rio de Janeiro. A educadora inglesa Mary Graham (1785-1842), autora de vários livros, após visita ao lar de José Bonifácio, comentou: “Sua mulher é de origem irlandesa, uma O’Leary, senhora da maior amabilidade e gentileza, realmente admiradora do valor e do talento do marido”. O próprio patriarca testemunhou de sua esposa: “Uma amável e virtuosa companheira que tenho...” (O Tamoyo, nº 5, 2 de setembro de 1823, pág. 21). Ambos são pais de Carolina Emília e de Gabriela Frederica, cujos descendentes até os nossos dias desempenham papel de destaque na vida pública e privada de nosso país.

Sobre ela, a historiadora santista Wilma Terezinha Fernandes de Andrade publicou, em 2004, esmerado artigo na revista *Leopoldianum*. O renomado artista José Luiz de Moura Pereira, que assina suas obras como Zeluiz, autor do bico de pena do patriarca, colocado no Panteão Nacional em Brasília, pintou também quadro semelhante de Narcisa Emília. A obra foi feita com base em retrato contemporâneo dela, zelosamente conservado por membros da família Andrada.

Entretanto, convém salientar a múltipla presença do Brasil na “Ilha dos Santos e dos Sábios”. Em 1829, Antonio Menezes de V. Drummond, político e diplomata, grande amigo de José Bonifácio, percorreu a Irlanda. Em 1877, Dom Pedro II visitou cidades como Belfast, Cork e Dublin, impressionando os anfitriões pela sua cultura e simplicidade. Joaquim Nabuco, em 1906, esteve ali. O ex-presidente Rodrigues Alves, no ano seguinte.

Entre 1924 e 1952, funcionou o Consulado do Brasil em Dublin. Estiveram à sua frente, sucessivamente, Mario Drolhe Costa, Raul Vachias, Narbal Costa, Pedro Nunes Sá, Mourão Camarinha, João Carvalho de Moraes, Benno O. Strunck, Jatyr de Almeida Rodrigues e Vicente Paulo Gatti. O cônsul Raul Vachias publicou, em 1933, o notável livro *A Irlanda*.

O primeiro embaixador do Brasil com residência em Dublin foi Carlos Augusto de Proença Rosa (1991), e o primeiro embaixador da Irlanda com residência em Brasília foi Martin Greene (2001).

Nos últimos 20 anos, o Brasil recebeu as gratas visitas das presidentes Mary Robinson e Mary McAleese. É auspicioso o fato de que, em março de 2013, o embaixador Frank Sheridan e a mulher dele, Rita Sheridan, comemorem, em Brasília, a data nacional — dia de São Patrício — com a presença do primeiro-ministro Peter Robinson e do vice-primeiro-ministro Martin McGuinness, do governo da Irlanda do Norte. O acordo de paz de Belfast, assinado na sexta-feira santa de 10 abril de 1998, com a devotada mediação do senador George Mitchell, continua a dar bons frutos.

RATOS

Paulo Castelo Branco

Depois de assistir a um filme de terror que se prolongou até a madrugada, levantou-se para ir ao banheiro. A casa, como de hábito, estava às escuras para, em caso de visita de marginais, pudesse se locomover entre os obstáculos que um ladrão não conhecia.

Ao voltar para a cama, escutou um ruído estranho quase imperceptível. Pensou no filme e considerou que estava escutando coisas que não existiam; o ruído deveria ser mera suposição de alguém estar circulando sorrateiramente pela casa.

Deitou-se e apurou os ouvidos. O ruído voltou. Algo como um farfalhar sobre superfície de plástico. Acordou a esposa e disse: – Você pode escutar um pequeno ruído? Ela, ainda semi-adormecida, virou para o lado e continuou a dormir. Ele insistiu. Ela acordou e pôs-se em alerta. O ruído era nítido.

O marido levantou-se e foi até ao armário do quarto onde guardava a carabina calibre 12 e a pistola herdada do avô. Com a carabina em punho e a pistola na cintura, foi lembrado pela esposa sobre os cuidados que deveria ter no uso de armas de fogo: – Não esqueça que um dos nossos filhos pode, mesmo não morando mais conosco, ter resolvido usar sua chave e, para não nos incomodar, entrar em silêncio.

Ele, então, decidiu usar o taco de golfe que mantinha embaixo da cama para ocorrências de menor porte. Silenciosamente saiu do quarto munido de uma lanterna de luz infravermelho em direção ao som que vinha da despensa.

Com o taco na mão direita, e a lanterna na esquerda, abriu a porta, mirando o facho de luz num minúsculo camundongo. Armou a tacada para atingir o rato que, sobre as patas traseiras, em posição de súplica, o olhava atemorizado. Por fração de segundo parou a ação. O rato, com as patas dianteiras formou um coração e o fez palpitar como fazem os fãs em direção aos artistas preferidos. Não acreditou no que via. Parou rindo, e o rato fugiu.

Voltou ao quarto encontrando a esposa de joelhos em oração. Contou-lhe o ocorrido e ela se aborreceu, achando que ele a estava criticando por pedir proteção divina num momento engraçado. Foram dormir sem trocar palavras.

No dia seguinte o assunto do camundongo voltou. – Você tem de eliminar este ser repugnante, pois, se não o fizer, passarei a dormir na casa de nossa filha, até que você cumpra com o seu dever de homem, disse a mulher. Ele sorriu e saiu para o trabalho.

No fim da tarde, passou num supermercado para comprar iscas de veneno. Não queria ter problemas e decidiu utilizar todos os métodos possíveis para agradar a esposa. Comprou dois tipos de veneno embalados em saquinhos de plástico e que não devem ser abertos. O vendedor afirmou que o camundongo rói o invólucro e se delicia com os grãos venenosos. Um saquinho era de pequenos grãos em tom rosa, o outro em forma de sementes verdes e pretas. O vendedor, muito bom no seu ofício, recomendou-lhe adquirir duas pequenas ratoeiras com o pretexto de que as ratoeiras mostrariam o resultado da caçada, enquanto os grãos ingeridos poderiam levar os ratos a buscarem cantos da casa sem ser descobertos, deixando, eventualmente, mau cheiro. Convencido comprou tudo e foi para casa.

Nas ratoeiras colocou pedaços de queijos italianos. Os pacotes de veneno, espalhou nos locais onde o camundongo poderia passar. No primeiro dia o resultado foi píffio, apesar de um dos sacos estar perfurado. Os queijos foram comidos. Nas prateleiras, sinais de que o rato vomitara os grãos, deixando um rastro cor de rosa. Por indicação de um colega foi a uma loja para comprar um veneno proibido, o tal do –chumbinho–. Não conseguiu. Telefonou para o colega que se prontificou a adquirir o produto. – Onde é que você compra? Perguntou. – O colega, com voz soturna, respondeu: – Você não me pergunta onde eu compro, e eu não lhe pergunto como você vai usar, e desligou.

Dois dias depois, sem necessitar do –chumbinho– o camundongo apareceu morto. Com o celular, fotografou o bicho e enviou para esposa. Ela está sem falar com ele há duas semanas.

DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS

Fabio de Sousa Coutinho

Viver passou, assim, a dar o tom e o sentido desta homenagem a dois escritores, cidadãos e brasileiros invulgares, Castro Alves e Waldemar Lopes, este último nascido no mesmo ano de 1911 em que se completaram os quarenta anos da morte de nosso patrono na Academia Brasileira de Letras.

Sim, Antonio Frederico de Castro Alves nasceu na Bahia em 14 de março de 1847 e lá morreu em 6 de julho de 1871. Foram apenas vinte e quatro anos, mas que outro patrício percorreu com tanta intensidade uma aventura vital tão curta? Vindo ao mundo no auge do regime servil, Castro Alves contra ele desde muito cedo se rebelou, tornando-se um jovem estudante de Direito, primeiro no Recife e depois no Largo de São Francisco, em São Paulo, que, orgânica e sistematicamente, o exerceu, como evidencia o texto integral do assombroso OS ESCRAVOS, publicado postumamente, em 1883.

No penúltimo ano de vida de Castro Alves, 1870, viera a lume outra estupenda obra poética, ESPUMAS FLUTUANTES, em que o imenso baiano cantou o lirismo que pontuava aquele período de nossa história literária, e que passou a situá-lo, com todos os méritos, ao lado de Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Fagundes Varela, como um dos expoentes geracionais do romantismo na poesia brasileira.

Orador e poeta de virtudes superlativas, Castro Alves soube engajar-se na grande causa política e social de seu tempo, sem descuidar da própria razão de ser da humanidade, o amor, nas suas mais diversas manifestações, conferindo caráter de indissolubilidade ao elo criado entre sua vida e sua arte. (...)

Como que a corroborar a lição lapidar do mestre carioca, ouçam-se os versos arrebatadores do canto V de O NAVIO NEGREIRO (Tragédia no Mar), em que o bardo extravasa seu inconformismo e sua revolta diante dos horrores que infestavam o transporte marítimo de povos africanos para o Brasil:

“Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, porque não apagas
Co’ a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noite! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!
(...)”

Ao valer-se da persuasão retórica, sob forte influência de Victor Hugo, Castro Alves se colocou à frente de seus contemporâneos, impregnando sua poesia libertária dos sentimentos mais nobres, das perplexidades mais coerentes, da indignação mais fundada, enfim, a obra do abencerrage de Currealinho constituiu-se, nos anos maculados que ainda marcariam nosso oitocentismo, na dicção da resistência, no discurso prodigioso da arte poética em face do incompreensível, do irracional, do intolerável.

É certo que a altíssima poesia de Castro Alves não foi a primeira nem a única voz a condenar a face do regime imperial que humilhava e entristecia as noites dos lares brasileiros, mas seguramente deu, em tal mister, o toque decisivo que caracteriza os gestos indubitáveis.

O inigualável baiano morreu no já citado dia 6 de julho de 1871. Em 28 de setembro daquele mesmo ano, como resultado direto e consequencial de sua empolgante militância abolicionista, foi promulgada a Lei do Ventre Livre. Ela passou a impedir que a descendência dos explorados, dos maltratados e dos desafortunados viesse ao mundo sob o jugo de uma *aberratio naturae*, de monstruosidade institucionalizada que persistia em manchar o processo civilizatório nacional. O passo seguinte, e definitivo, veio em 13 de maio de 1888, quando a Princesa Redentora assinou o ato formal que pôs o Brasil em dia com a História.

Exatos dezoito meses depois, esvaziada a Monarquia de um de seus pilares, chegou, vitoriosa, a República. Mas esta, não vou creditar a Castro Alves, não, porque fui educado e formado no princípio de que tudo na vida deve ter um limite, inclusive as mais incontidas admirações.

Meu notável patrono viveu breves, mas palpitantes vinte e quatro anos. Meu singular antecessor viveu noventa e cinco longos, igualmente intensos anos.

Waldemar Lopes foi poeta desde sempre, vez que LEGENDA, de 1929, saiu do prelo quando ele tinha apenas dezoito anos de idade. O reconhecimento da qualidade superior de seus sonetos veio muito tempo depois, com a inclusão de alguns deles na segunda edição da Antologia dos Poetas Brasileiros Bissexto Contemporâneos, organizada por Manuel Bandeira, em 1965. Por um longo período de cerca de quatro décadas, Waldemar dedicou-se, quase exclusivamente, a atividades jornalísticas e burocráticas.

A volta do poeta ao livro ocorreu em 1971, com SONETOS DO TEMPO PERDIDO, que recebeu o Prêmio PEN Clube do Brasil. A partir daí, as obras se sucederam, incluindo incursões pela prosa ensaística.

Em Brasília, para onde veio na condição de Diretor do Escritório da Organização dos Estados Americanos, simultaneamente com o de representante de sua Secretaria-Geral junto ao Governo brasileiro, Waldemar Lopes teve oportunidade de desenvolver fascinante atividade intelectual. (...)

Ao alcançar os sessenta e cinco anos, em 1976, desligou-se da OEA, atingida que fora a idade-limite estabelecida no regulamento da Entidade para o seu pessoal ativo. Chegara, então, a hora de realizar outro sonho: o de fixar residência definitiva na sua querida Teresópolis e lá esperar a visita da “indesejada das gentes”.

Na bela cidade da serra fluminense, desenvolveu uma atuação ímpar, bastante lembrada e exaltada. Por seis anos, exerceu a presidência da Academia Teresopolitana de Letras; promoveu cursos e concursos, visando, sobretudo, a estimular as novas gerações no gosto das letras; levou a Teresópolis escritores de nomeada, do Rio, de São Paulo, de Brasília, de Belo Horizonte – entre eles, numerosos membros da Academia Brasileira de Letras –, para que realizassem conferências sobre temas e assuntos literários; por incumbência do Governo local, reorganizou e presidiu o Conselho Municipal de Cultura. Atuou, em todas essas frentes, como um fiel seguidor do pensamento do filósofo espanhol José Ortega y Gasset, segundo o qual “A cultura é uma necessidade imprescindível de toda vida, é uma dimensão constitutiva da existência humana, como as mãos são um atributo do homem”.

Ao deixar Teresópolis, em 1984, para atender ao desejo de sua esposa Iracy, que sonhava retornar ao

seio da família, em Pernambuco, para ali morrer, Waldemar doou à cidade doze mil livros de sua biblioteca particular, composta de dezessete mil títulos!

No Recife, prosseguiu no cultivo da amizade e da literatura, transformando sua casa em ponto de encontro de escritores, que para lá acorriam, em romaria, ao generoso Sabalopes, na busca da palavra sapiente e serena de companheiro cujo caráter se firmava sobre duas sólidas e inabaláveis pilas, que o tornavam um ser humano elevado: o amor e a poesia. (...)

E, dentre tantos, fico com a palavra a um tempo culta e erudita de Abgar Renault, que viu em Waldemar Lopes o renovador do soneto em nossa língua, e com o depoimento sem paralelo de Manuel Bandeira, para quem “Os SONETOS DO TEMPO PERDIDO (...) representam poesia da melhor escrita no Brasil.”

Sr. Presidente,

Este 14 de março, Dia Nacional da Poesia, traduzindo a mais justa das homenagens ao inextinguível Patrono da Cadeira nº XIX, é data muito cara a um simples, mas inveterado, leitor de poemas, pois também homenageia dois outros esplêndidos vates de nossa pátria poética, meu próprio antecessor nesta casa de cultura e o amigo que primeiro me incentivou a nela ingressar, Anderson Braga Horta. Em sua rica e abrangente biblioteca, com a amabilidade e a fidalguia que lhes é inerente, D. Célia e Anderson há anos me acolhem de portas e braços abertos. Tanta lhaneza acabou gerando a iniciativa do convite que fiz ao Anderson para que me recebesse, aqui e agora. O coração tem razões que a razão reconhece. (...)

Srs. Acadêmicos, Sra. Acadêmica,

Ao me abrigar em seu convívio, V. Exas. dignificaram uma vida dedicada à bibliofilia, à palavra impressa, à paixão da leitura, ao reconhecimento de que os livros, máxime os clássicos, aqueles que nascem e permanecem contemporâneos, permitem fazer a existência menos vulnerável aos estorvos do cotidiano e, em alguma medida, não tão avassaladoramente sartreana, naquilo em que nos ensinam a isolar as mazelas e a miséria que perpassam as trajetórias de todos e de cada um.

Epigrafei esta oração acadêmica com passagem antológica de uma figura central de nosso modernismo, Carlos Drummond de Andrade. Com ela, busquei transmitir a essência da homenagem que minha alma genuinamente brasileira devia a um grandioso patrono baiano, Antonio Frederico de Castro Alves, e a um formidável predecessor pernambucano, Waldemar Freire Lopes.

A exemplo do que tenho feito constante e prazerosamente ao longo dos últimos quarenta anos de infundáveis e compensadoras leituras poéticas, pois “um poema deve ser uma festa do intelecto”, como disse Paul Valéry, recorro a outro magnífico bardo, cujo centenário de nascimento os brasileiros festejaremos, ao longo deste ano, para, em paráfrase de estrofe de célebre soneto, revelar a todos os que aqui vieram, a quantos acá não puderam estar, e mesmo àqueles que não mais pertencem a nosso espaço físico, que

De tudo, à gratidão serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dela se encante mais meu pensamento.

A meu honrado e venerado antecessor, declaro, alto e bom som, para que, esteja onde estiver, ouça, reconheça e guarde: Waldemar, velho querido, você é o homem que eu continuo querendo ser.

POESIA AGORA

Alberto Bresciani

**. Gol de esquerda, de Ronny Someck
(seleção e tradução de Moacir Amâncio)
Editora Annablume, 118 págs.**

Ronny Someck nasceu em 1951, em Bagdá, de família judia. Ainda criança, é forçado a refugiar-se em Israel, onde vive. Traduzido para mais de trinta idiomas, Ronny é dono de poética firme, aparentada com a simplicidade expressiva de Wislawa Szymborska. Em 118 páginas, o poeta e professor Moacir Amâncio apresenta aos leitores brasileiros o autor de poemas como este N.B. Blues sobre a vida verdadeira: “Não nasci na Virgínia. Meu pai era um cadeado de silêncio na / porta dos lábios, / desde sua morte eu sigo atrás dele nos assentos de trás / da linha 61. / A memória para nos pontos, abre a porta, / toca a campainha e balança quando não tem lugar livre. / Embaixo das / rodas pulsa o coração do asfalto / e eu, no lombo da calçada, / ainda bato os calcanhares como um flagelo”.

**. Sentimental, de Eucanaã Ferraz
Companhia das Letras, 96 págs.**

No sexto livro, o carioca Eucanaã Ferraz reitera a maestria já sedimentada ao longo de uma carreira sólida e que lança amarras aqui e em Portugal, onde é dos poucos poetas brasileiros contemporâneos conhecidos. O título arrojado – pelo que expressa de pronto – traduz o ambiente em que surgem poemas refinados, tecidos sem o receio do belo. Afinal, o belo também provoca assombro. A amostra de Senhor capitão: “O homem só, a bordo de seu silêncio, / não necessita bens que não sejam velas remos; // língua olhos sexo secam no vento sem vontade / de outra pátria que não o esquecimento; // se o mar tivesse janelas talvez houvesse / outro mundo no qual esse homem descansasse // o seu desprezo; / por onde passa tudo se quebra // grave, mesmo a linha / do horizonte, mesmo o voo das aves”.

**. Meio seio, de Nicolas Behr
Editora Língua Geral, 82 págs.**

Nicolas Behr é um poeta irrequieto. Sua obra supera mais de duas dezenas de livros com *Meio seio*, ilustrado com desenhos sensuais do conceituado artista plástico Evandro Salles. Neste novo trabalho, Nicolas, sem deixar de ser ele mesmo, opta pela transgressão. Sim, ele diz “muito sexo / pouco texto”, uma pista que deixa dúvidas diante do romantismo e da delicadeza que perpassam poemas de estética minimalista. A apresentação é do músico Chico César, que confessa sua inveja “de não ter escrito esses poemas”, poemas que prescrevem “tocar seios / como se tocam seios / olhando” e, depois, levam “partes tuas // os braços // o tronco // meio seio”.

**. Caderno inquieto, de Tarso de Melo
Dobra Editorial, 72 págs.**

Tarso de Melo vive em São Bernardo do Campo. É advogado, professor, promove oficinas literárias. Sua poesia tem os pés na urbe, reconhece o desencanto, o sofrimento dos corpos e das almas, mas os ilumina com o domínio de linguagem rara, reiterada e depurada nos seus sete livros anteriores.

Em *Caderno inquieto*, a melancolia sai em campo e surpreende e encanta. No poema *Escritas*, Tarso diz: “você sabe, entre as flores / não há qualquer tormento / não há dor, não há perda / não há muito o que temer / espinho é só espinho / uma pétala a mais, outra a menos / tudo segue assim, jardim / engolindo a si mesmo // nem a flor outra, esta que / desce agora à terra, ponto final / na frase alheia, é mais / que uma espécie de dor / a cobrir-se de pedra / e esquecimento”.

**. Píer, de Sérgio Alcides
Editora 34, 132 págs.**

Sérgio Alcides nasceu no Rio de Janeiro, em 1967. É autor de *Nada a ver com a Lua* (1996) e de *O ar das cidades* (2000). Foi jornalista; é professor de história, crítico literário, poeta. Está radicado em Belo Horizonte. Em *Píer*, seu novo livro, Sérgio explora os sentimentos e se expõe diante da paisagem cotidiana, do que ondula junto e sobre o mar e o rio. A sua poética particularíssima, cuidadosamente esculpida, ensina a arte das sutilezas: “... Afago a pele do escuro / para tentar acalmá-lo. / E sinto a respiração, / junto com o visco aquecido / que acaricio no dorso / pulsante: o hábito preto, / sibilação que me inclui, / o alento de animal mau / que me dava tanto medo. // Não sei o que está aqui, nem / se isto sabe o que sou. Não / sei se meus olhos enxergam / por outro, num outro rosto / onde a semelhança é breu.” (O bicho).

**. Inventário afetivo, de Silvio Pedro
Dobra Editorial, 72 págs.**

O livro de estreia de Silvio Pedro revela a maturidade de quem sempre foi poeta. Poemas contidos em forma e exuberantes em conteúdo exploram com vigor o inventário afetivo de um quase álbum de família. A unidade do projeto favorece leitura agradável. Silvio Pedro, nascido em 1965, vive em São Bernardo do Campo, onde é designer gráfico. Colateral é o poema que abre o livro: “ruas / convidam ao estrondo / de uma fome sem saída // palavras secas / olhar embotado / e a mão / que vacila sintomas // aqui dentro / o exílio // paredes / sem promessas // toda quinta / adio presságios – / com a nova dosagem // Limiar / de tempos em textos / uma saudade / crivada de guizos // feito esse morro / e seus entraves // entre o sim e o não / de perdas / nessas pedras / :/ em longa mudez”.

**. Um útero é do tamanho de um punho, de Angélica Freitas
Editora Cosacnaif, 96 págs.**

De Angélica Freitas não se espere o azul claro de poemas gestados à luz do sol matinal. Não. Angélica é faca ainda mais lâmina. Reconhecida e festejada desde seu primeiro livro, *Rilke shake*, de 2007, a poeta gaúcha lança este *Um útero é do tamanho de um punho* já com a chancela da Associação Paulista de Críticos de Arte: o melhor livro de poesia de 2012. Com temática voltada ao universo feminino, os poemas crescem em vigor ao longo do livro. Humor e ousadia são promessas de espanto, porque, em Angélica, “uma mulher braba / não é uma mulher boa / e uma mulher boa / é uma mulher limpa // há milhões, milhões de anos / pôs-se sobre duas patas / não ladra mais, é mansa / é mansa e boa e limpa”.

Dois poemas de Aglaia Souza

MATRIARCAL

Tarde branca na janela:
nuvens frias e molhadas –
o meu Rio numa névoa.
Verde ao longe – o meu chão.

Eu também tenho uma nuvem
bem no centro do meu ser.
Tarde escura nos meus olhos.
Sol declina no horizonte.

Este voo é retorno? –
o meu lar não mais existe!
No deserto desta casa
nem fantasmas eu encontro.

Logo estarei de volta
ao deserto onde moro.
Porém, lá, encontro vida
e o riso das crianças.

Matriarca de meu clã,
puxo a fila da partida.
Amanhã será meu passo
no adeus a este azul.

CANTO NECESSÁRIO

Eu canto pra não morrer.
Não morrer de fome,
não morrer de amor.

Não viver olvidada,
não viver sem amor.
Eu canto para viver.

Eu vivo para cantar.
Pra cantar o amor,
pra cantar o viver.

Eu morro por não cantar.
Não cantar de coleira,
não cantar sem a voz.

Eu canto pra mais viver.
Pra viver de alegria,
e viver pro amor.

Eu canto pra não morrer.

VOZ DA POESIA ETERNA

Gerson Valle

Consagrado modernista, em 1953, no livro “Fazendeiro do ar”, Carlos Drummond de Andrade conclui “E como ficou chato ser moderno. / Agora serei eterno.” Poderia ser mais um poema-piada de modernista. Mas não; “eterno é tudo aquilo que vive uma fração de segundo / mas com tamanha intensidade que se petrifica e nenhuma força o resgata”. O “ser moderno” que “ficou chato” para Drummond era o sentido de passagem no tempo, do efêmero. Aquilo que todo artista sente como necessário, pois é sua marca e posição de sua geração. Importante, sem dúvida, tanto que ele mesmo, Drummond, foi moderno. Mas, ser isto somente “ficou chato”. Poesia, enfim, necessita de algo além das modas e posicionamentos de escola. O que mais se vê no nosso tempo, nos suplementos literários e lançamentos de livros de poetas que buscam viver a contemporaneidade é, se me permitem a linguagem poética, “o efeito efêmero no fato de um enquadramento”... Em outras palavras, grande parte da Poesia de hoje em dia consagra a poesia subjetiva e descartável, aquilo que todos sabemos ser de um lirismo passageiro, verdadeiramente significativo, e sempre digno de sentirmos, sim, mas não eterno. Com algumas exceções, é certo.

Grande exceção é a Poesia de Anderson Braga Horta, que acaba de brindar-nos em 2012 com novo livro memorável: “De viva voz” (Thesaurus Editora), e que abre com o “Discurso em forma de poema”, saudando a chegada do ano 2000 do qual se espera a Nova Era, mas traz cidades falidas, fúria das águas e estiagem, estados falidos, estradas falidas, a Terra falida, o homem falido com miséria, analfabetismo... Mesmo assim saúda a vinda do ano 2000, quando “é tudo ou nada”, e “num esforço de fraternidade, / de revolta, / de sonho, / alçamos voo!” E logo no segundo poema, como em continuação ao primeiro, conclui que o mundo não acabou, a despeito de “Na desrazão / o embuste / se robustece”. “Mas o poeta quer sobreviver. / E recomeça, eterno, / a invenção da utopia.” E eis que encontramos expresso o ETERNO que sempre circunda a Poesia de Anderson Braga Horta.

O livro é dividido em onze partes, como se fossem sublivros temáticos, cada uma delas com poucos poemas, porém de grande intensidade. O título do livro confunde-se com o da primeira parte, e que se encerra num poema símbolo da eterna repetição da vida diante do tempo, “SÍSIFO”: “Rompe a manhã, senil, semeada de escombros. / Perde-se o meio-dia entre nimbos. Escura / pende a tarde, sabendo a cinza e sepultura. // O poeta carrega a noite nos ombros.” A vontade é de encher de exclamações após esta citação!

A segunda parte, “Cantata étnica”, contém o “Canto índio”, o “Canto negro”, identificando-se o poeta com os dois tipos étnicos, e o “Canto fraterno” (“Poderíamos ser todos irmãos. Não morreríamos de tédio. O amor não é monótono”). A terceira parte, “Palavra”, a metapoética tangencia afinidade com a Música em “Trenzinho”: “Que quer o poeta rodando / seu comboio de palavras? / – Ao diapasão da Poesia / afina a alma.” E chegamos ao “Cântico maior”, com a “Ode a Olavo Bilac e à língua portuguesa”, onde aparecem suas admirações também por outros poetas que Bilac, e discorda deste por chamar a amada língua de “inculta” ou de “última flor do Lácio” (“Amo-te, enfim, / música de fonemas e revérberos / em que todo me sou – guerra e concerto –, / em que sondo o universo / e em que posso dizer o amor inteiro.”). E o “Canto a Brasília” (“Teu chão está semeado de morte, / mas sabemos que a morte é coroamento da vida / e a vida / na morte enraíza”).

Em “Intervalo solar” há apenas o soneto “Voto para minha neta Fernanda”, desejando-lhe “Viver como quem vê à frente a eternidade / e como quem não tem mais que a hora, o segundo. / Ser fiel, toda a vida, à íntima verdade, // sem se fechar, contudo, às verdades do mundo.”)

“Paraísos” evoca passagens de sua vida, o que lhe dá uma feição plena de satisfação. O poema “Culinária diacrônica” é desses que já nasce antológico. Seguem-lhe “Cristais”, “Puro” (onde há o dístico repetindo o argumento que esboço aqui: “Mortal / passageiro do eterno.”), “Navegantes”, “Dodecassílabos”, “O momento do amor”

(“é a noite do não-ser, plena de tudo”) e o emblemático hai-kai “Vórtice” (“Doce relâmpago nos olhos da amada / Sustentado relâmpago / Infinito-me”).

A melomania de Anderson se expande por “Sinfonia”, que ecoa efeitos sinfônicos no poema que segue o título. Depois, três hai-kais, e o “Microcosmo” onde tudo se define: “Amor, / Música, / Poesia. // Somos deuses / em nossa pequenez”. “Incidente noturno” e “Aventura” abrangem visões metafísicas.

Mas, não há, no limitado espaço do jornal, como prosseguir passando poema a poema do livro, pois todos eles merecem uma parada e citação. Mais que isto, merecem é leitura e releitura, uma vez que guardam essências poéticas no plano da eternidade, numa linguagem e estruturas que o afã do modismo já não sabe expressar.

Ainda para falar das partes do livro, seguem-se “Horas”, “Canção Eufórica”, “Interlúdio” (onde em “O dragão” mostra seu lado de completude: “Eu tenho um dragão comigo, / meu irmão, meu inimigo, / meu sócia e minha abusão; / e ele sou eu, que sou ele, / e é meu verdugo e meu cão”), o soneto “Parábola” é auto-referente do trabalho do poeta, e em “Brindisi”: “O copo sobre a mesa. No seu cristal cintila / a dupla natureza / de matéria e de espírito”.

A última parte do livro, “Campo sem tempo”, é composto de 21 sonetos. Na forma já quase milenar, o poema por si se anuncia no plano da eternidade. E Anderson Braga Horta é dos grandes sonetistas da língua. Prova maior está nos belíssimos três volumes ilustrados “De uma janela em Minas Gerais – 200 sonetos”, da Editora Guararapes EGM, 2011. Para se escrever sobre os 21 sonetos que encerram “De viva voz” ter-se-ia de escrever outra resenha, de tantas minúcias bem acabadas. Há verdades eternas que sua maturidade autoriza enunciar: “Tudo é breve na vida, e tudo muda / na sucessão torrencial dos dias. / Sob as águas volúveis, ora frias, / ora férvidas, a alma não se iluda!”. Mas, não há como continuar citando, senão remetendo o leitor ao livro inteiro.

CONVITE

A Comissão Organizadora do Cinquentenário da ANE convida Vossa Senhoria e Família para as festividades de comemoração do 50º Aniversário da Entidade.

Da programação iniciada em 4 de abril com a palestra do escritor João Ferreira sobre *O Pré-Modernismo na Cultura Lusófona*, prosseguiu no dia 9 de abril com a palestra do escritor Napoleão Valadares sobre *Vetores da Ficção Nacional Pós-22*. A 11 de abril realizou-se a palestra do escritor Flávio Kothe sobre *Cânon do Modernismo Brasileiro*. Dando continuidade à programação, no dia 16 de abril falou o escritor Edmilson Caminha sobre *O Código Poético de Drummond em Nossa Revolução Estética* e dia 18 de abril (quinta-feira), palestra do escritor João Carlos Taveira sobre *Universalidade da Poesia em Brasília*.

No dia **21 de abril** (domingo) será festejado o aniversário da Entidade, com a seguinte programação:

- Balanço Valorativo das Palestras, pelo escritor José Santiago Naud
- lançamento do selo comemorativo
- lançamento do livro *ANE 50 Anos – Contos*
- lançamento do livro *ANE – Cinquenta Anos – Coletânea*, seguida da entrega de medalhas e coquetel.

Todos os eventos terão início às 20 horas, na sede da ANE, SEPS 707/907 – Bloco F – Ed. Escritor Almeida Fischer (ao lado do Instituto Cervantes).

O DIÁRIO DE NILTO MACIEL: CADERNOS DE ATREVIMENTO

João Carlos Taveira

A cabo de ler o diário de Nilto Maciel. Trata-se de anotações críticas sobre literatura, sem prejuízo, no entanto, de confissões e questionamentos pessoais. Os cadernos compilados em *Menos vivi do que fei palavras* (Editora Penalux, 2012), sem nomeação de dias e meses, estão datados de 1986 a 1992, período em que o autor de *Vasto abismo* ainda vivia em Brasília. Pelo que declara em algum trecho, abandonou de vez o exercício desses apontamentos. Não quer mais saber do assunto. Publicar os velhos compêndios em livro já lhe custou grande esforço, muita coragem. Basta!

Ao contrário de Nilto Maciel, sempre li diários. Tenho gosto pela vida alheia, quando esquadrinhada pelo próprio autor. Primeiro foi Kafka. Depois, Sérgio Milliet e alguns outros escritores. Aprecio esse exercício catártico, às vezes auto-imune, de exposição consciente. *O diário de Anne Frank*, por exemplo, deixou forte impressão na minha juventude, na minha vida, tanto quanto as anotações de viagem de Hermann Hesse e Graciliano Ramos. Isso sem falar nas biografias, naquelas páginas em que se revelam particularidades e pormenores da vida de uma pessoa tão distante de nós.

Também tive arroubos confessionais destilados em cadernos escolares. Ou em folhas avulsas. Coisa de 20, 30 anos atrás, que dificilmente irei publicar. Há outras prioridades. Mas, neste momento, não pretendo me imiscuir naquilo que abandonei faz tempo. Agora basta a utilização da primeira pessoa, com interferência direta. Prática que às vezes abomino e condeno. Exceto em romances e contos, que não escrevo. E em situações como esta, previamente pensada.

O escritor Nilto Maciel, já analisado por mim diversas vezes, é dos mais profícuos da moderna literatura brasileira. Percorre todos os gêneros, sempre com o mesmo perfeccionismo que o identifica desde *Itinerário*, publicado em 1974. Isso talvez decorra do seu apreço pelos livros e, sobretudo, da constância do hábito de leitura. Nilto escreve bem, lê bem e sabe analisar uma obra literária como poucos. Seu estro não tem limites. Fato esse, aliás, conhecido por todos aqueles que leem seus escritos. O elogio, a essa altura, já se tornou lugar-comum.

Pois bem. *Menos vivi do que fei palavras* consegue atingir uma culminância estilística de fazer inveja. O tratamento vocabular e a estrutura frasal são notórios, considerando-se a perfeita simetria da construção verbal. A linguagem é rica e expressiva, sem ser piegas ou ultrapassada. (Há, entre nós, autores que escrevem como se estivessem no século XVIII ou XIX.) O vocabulário empregado confirma altos conhecimentos lexicográficos, sem nunca perder o foco do fato ou do objeto narrado (descobri uma palavra que não conhecia: copelação). E a temática, variada, é das melhores para um leitor escritor: livros, autores, casas editoriais, academias, associações, sindicatos, além da exposição crua de

certos indivíduos e suas veleidades, mesquinhas, ilusões e desilusões de toda sorte.

Como já mencionado, o grosso das notas se acomoda em considerações críticas (nem sempre favoráveis) sobre romancistas, contistas, cronistas, jornalistas, poetas, artistas plásticos, *et alii*. Poucos escapam da mirada corrosiva de Nilto Maciel, que, *noblesse oblige*, não deixa de lado fatos miúdos de sua vida privada. Às vezes transpira e goteja partículas de medos, de dúvidas, de incertezas, para entregar-se inteiro ao ato de contar histórias, agora reais, presenciadas no cotidiano de uma vida cada vez mais medíocre e, às vezes, sem sentido. (O desconforto do supranormal neste mundo é gritante.)

Menos vivi do que fei palavras faz-se porta-voz também de sustos e inquietações, de aventuras e desventuras do cidadão Nilto Maciel — homem comum, que trabalha, dirige automóvel e tem obrigações sociais a cumprir. Consigna, por outro lado, uma visão de mundo extraliterária (choro de criança, casa pequena, aparelho de tevê ligado, pessoas dormindo na sala, etc.). Espécie de sombra a encobrir o criador e, por contingência, dificultar o seu trabalho, toldar a sua solidão produtiva. Nesse vaivém de símbolos e signos, a realidade se impõe e ameaça o universo que lhe diz respeito, dentro de uma imagística estritamente pessoal. E tudo é motivo de dor, angústia, sofrimento. Produzir literatura já não basta. É preciso extrapolar a ficção e confiar a um interlocutor silencioso o seu desassossego, as suas contradições. Poder abrir-se, sem temor ou reserva, à confiança. Contar de suas andanças à caça de editor, dos novos livros adquiridos, de suas reuniões sindicais, de suas decepções com a vida lá fora, enfim.

E, assim, as leituras e apontamentos vão abrangendo textos produzidos em outras línguas e idiomas. Autores de vários países, embora “traduzidos” e “incompletos”. Todos eles companheiros de jornada. Por outro lado, volta-se para a província e não se faz de rogado, nem de bonzinho. Denuncia o poeta idiota e pedante, que não lê poesia e se julga um novo Cruz e Sousa. O romancista que não consegue se livrar da incompetência, da falta de talento, e insiste. A escritora de infantojuvenil que não consegue distinguir crônica de conto. E canta e decanta certa poetisa — mulher belíssima e sensual —, mais pelas formas do corpo do que pelos versos.

Mas o livro, para júbilo de quem realmente ama e conhece o mundo das letras, traz no seu corpo de celulóide e sonho uma face bem peculiar do autor de *A rosa gótica*: o compromisso com a arte e o resultado de leituras e releituras dos clássicos e dos não clássicos. Ali estão reunidos testemunhos sinceros de quem mais fiou palavras do que viveu. Nilto Maciel entregou-se à literatura de corpo e alma e fez dela um sacerdócio. E esse exercício permanente faz do nobre filho de Baturité “um feiticeiro” que jamais será “devorado pelo próprio feiticeiro”. Porque, se a vida é sonho, morrer é continuar sonhando.

SAUDADES DO MESTRE LÊDO IVO

Daniel Barros*

Muito provavelmente num dia quente e ensolarado, pois assim costuma ser neste mês, nasce em 18 de fevereiro de 1924, em Maceió, capital do Estado de Alagoas, uma criança que muito orgulho dará a alguns de seus coestudanos. Digo alguns, porque suas palavras honestas, firmes e contestadoras causaram ódio e desprezo à elite de Alagoas.

Filho de Floriano Ivo e Eurídice Plácido de Araújo Ivo, o menino Lêdo Ivo, que logo se tornaria um dos maiores representantes da Literatura Brasileira, aos vinte anos estreia com *As imaginações*, livro de poesia de 1944. No ano seguinte, lança *Ode e Elegia*, recebendo o Prêmio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras. E assim teve início a belíssima carreira literária de um mestre, que foi contista, ensaísta, cronista, romancista e, sobretudo, poeta, um fantástico poeta.

Em 1940, depois de ter feito o primeiro e segundo graus em sua cidade natal, transfere-se para Recife onde participa em 1941 do I Congresso de Poesia do Recife. Em 1943, o autor de *Ninho de cobras* se muda novamente, desta vez para a cidade do Rio de Janeiro. Ali se matricula na Faculdade Nacional de Direito do Brasil. Paralelo às atividades na faculdade, passa a colaborar em suplementos literários e a trabalhar como jornalista profissional na imprensa carioca.

Em 1949, forma-se em Direito, nunca exercendo a profissão. Prefere continuar no jornalismo. Dois anos antes estreia como romancista com *Alianças* e recebe o Prêmio da Fundação Graça Aranha pela obra. Ano também em que pronuncia no Museu de Arte Moderna de São Paulo a conferência “A geração de 1945”.

O romance *Ninho de cobras* é publicado em 1973, mas Lêdo Ivo não ousava chamá-lo de ro-

mance, referindo-se às atuais “circunstâncias que vivemos num tempo estético marcado pela emergência de gêneros ou textos híbridos, sem nome”. E continua: “Escrevi uma *história mal contada*, como as narram os ciganos e ladrões de cavalos de minha terra natal.” Havia na época razões de sobra para que usasse essa técnica de narrativas partidas e colisivas, pois foi escrita “... numa época de ditadura e, por sua vez, se situava também, historicamente, numa outra ditadura, a do Estado Novo de Getúlio Vargas”. Tudo acontece num mundo de terror e perseguição, em que nunca se sabe a verdade. Essa técnica se ajustava ao clima estético de então, período de ditadura, onde a dubiedade, a fragmentação do texto sempre refletia que “... o deslocamento dos pontos de vista e os focos narrativos abalaram para sempre a austera linearidade do romance praticado nos últimos séculos”.

Personagem principal de *Ninho de cobras*, a raposa fora baseada numa memória de infância do autor, quando presenciou, no sítio onde morava, o assassinato de uma raposa, acusada, supostamente, de roubar galinhas, e morta a pauladas. Dando-lhe desde menino, diante deste episódio, consciência para melhor observar as injustiças e perseguições. A cena fica em sua memória para posteriormente voltar num dos poemas de *Finisterra* (Prêmio Luísa Cláudio de Sousa — poesia — do PEN Clube do Brasil, Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, Prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal e Prêmio Casimiro de Abreu do Governo do Estado do Rio de Janeiro). No texto, a raposa retorna da floresta e faz sua aparição.

*A manhã raiante se manchava
Do sangue escuro da raposa
Morta no chão memorável.*

A raposa perambula pelas ruas de Maceió e é “novamente” morta a pauladas por policiais. As críticas que surgiram após a publicação revelam que a obra é sempre ambígua e controversa, e marcada pelo espírito dos escritores nordestinos que vivem num país dividido entre a riqueza e a miséria. E cito mais uma vez o autor de *Ninho de cobras* analisando sua própria obra: “... nós, romancistas do Nordeste, denunciadores incômodos e incorrigíveis da pobreza e da injustiça, dos pesadelos e das calamidades, sempre nos distinguimos de nossos confrades do Centro e do Sul pelo nosso ar de estrangeiros, de emissários dessa interminável Oriente que é a nossa terra natal.”

O espírito alegre, honesto, espirituoso e ao mesmo tempo combativo e justo nunca deixou o nobre alagoano. O que ficou claro em um dos seus últimos discursos durante uma reunião da Academia Brasileira de Letras, em 4 de agosto de 2011. Lêdo Ivo leu aos colegas um libelo, um manifesto contra a inquietação da plateia promovida por seu desafeto, o também imortal Eduardo Portella, durante um discurso que fez dias antes, numa conferência em homenagem a Gonçalves de Magalhães. Encerrou seu pronunciamento citando Lucrecio: “É doce envelhecer de alma honesta.”

O Brasil perde seu ilustre filho, mas, sem dúvida alguma, é Alagoas que mais sofre, por perder tão nobre, alegre e combativo filho, num momento em que o Estado passa por tamanha necessidade de homens com tal bravura e suprema honestidade, como foi, e ainda é o imortal Lêdo Ivo.

* Daniel Barros, escritor alagoano, reside em Brasília.

A MULHER DA MINHA INFÂNCIA

Lina Tâmega Peixoto

Parentemente fácil a tarefa de focar a figura da mulher em seus infinitos pontos cardeais. São do conhecimento geral os avanços sócio-econômico-culturais na realidade de nosso tempo e as conquistas no campo científico e tecnológico, alcançadas pelo sexo feminino. Assim, limito meu olhar e me debruço sobre o que está mais perto e íntimo, para que possa dar o exato contorno do que representou, na minha infância, conviver com uma singular mulher. Com isso, pretendo atingir a face de outras filhas de Eva e lhes oferecer a acolhida e a admiração que merecem.

Não irei buscar a presença materna que povoou, com raiz profunda, a substância com que se armou minha infância e maturidade como, também, o esforço e a doçura a que me submetia, como filha, para unir e exprimir o mundo que se multiplicava, infinitamente, através das experiências e virtudes do viver. Conversarei sobre uma mulher que conheci quando tinha meus dez anos. Ela possuía um objeto que me fascinava: um cofre de madeira envernizada, com uma minúscula chave presa à fechadura. Nele, escondia sua vida em estranhos papéis cifrados, que nunca pude ler. O cofre era meu pecado de cobiça que se tornava, a cada dia, mais espesso. Não me atrevia a uma fala mais sublimada de interesse, mas ela, certamente, percebia meus olhos ardendo

na contemplação do que era, para mim, uma coisa rara e perturbadora, eivada de fascínio e poder.

Soube que morrera quando vieram me entregar o cofre, cumprindo as ordens que ela deixara escritas. E tive medo, um atemorador medo, naquela época, de ter sido meu desejo a causa de sua morte. Eu tenho o cofre até hoje. O que era desejo transforma-se, agora, em uma certa melancolia e em uma confusa sensação da realidade, que encobrem a face da herança recebida. Comoveu-me descobrir que havia entre nós um delicado espaço de silêncio e respeito, nunca ultrapassado. Sem sobressaltos ou pressa, guiada pelo fio do sensível e da amorosa doação, ela percebeu o espaço vazio que existia em mim e além de mim. Nesse cofre amaldiçoei minha esperança, a percepção do que é invisível e essencial, a poesia que chegava devagar e tímida.

Hoje choro essa mulher que foi capaz de amadurecer o desenho emocional de minha infância em um ritual de lembranças alegres e fecundas, que acompanharam, com elaborados sentidos e sedução, todas as fases de minha vida. Sua memória, sua seiva feminina alimentaram minha memória e o mistério, aquele que sombreia e ilumina o sonho a que nos submetemos para conhecer nossa imagem e seu reflexo.

Esta visão se ergue acima do tempo e permanece intacta em sua abstrata beleza, mas permanece fechado, ainda, um segredo que a chave não abriu.

O HOMEM SOLITÁRIO

Ruy Nedel

Nunca mais pronunciou seu nome que, entretanto, afluía à sua mente todas as horas de todos os dias indefiníveis.

* * *

Possuíam um lote de vinte hectares à beira do rio Ijuí. Faziam-no produzir acima das necessidades frugais do casal. Sabiam viver em comunidade, discretos e felizes. Participavam de todos os eventos religiosos e mundanos na aldeia e mantinham excelente convívio com o casal vizinho.

Faziam mutirão nas colheitas, quando o trabalho era mais árduo e precisava ser concluído antes que as chuvas prejudicassem o resultado. Então só uma das mulheres cozinhas, a fim de se dedicarem com mais afinco ao trabalho.

O mesmo aconteceu quando construíram casa nova, de material, bem estruturada, com dois banheiros internos – um específico para a suíte do casal, outro para as visitas. Quando concluída, estavam vaidosos da casa e orgulhosos um do outro.

* * *

Após cinco anos de casados deram-se conta de que algo estava errado com eles. Os vizinhos já tinham três filhos e eles... nada.

Por incrível que parecesse, Marta não transparecia o instinto de fêmea; por uma parição que fosse. Era Alfredo quem se preocupava com o possível anseio maternal da esposa.

– Vamos ao médico, falou.

– Não precisa; estamos bem assim como temos vivido.

Foram. Só então Alfredo deu-se conta, por incitação do médico, que tivera caxumba na juventude.

Lembrou o quanto lhe haviam inchado os testículos à época. Relembrou o quanto tinha sido doloroso quebrar o milho na roça do pai, com aquele saco enorme, como se tivesse bagos de touro.

Depois tudo passou e voltou ao normal. Nunca imaginara que sua semente não pudesse germinar por causa daquele episódio.

Passou semanas torturando-se por isso. Não pela esterilidade em si. Lamentava a impossibilidade de alegrar Marta com uma gestação. Uma só que fosse. Seguiu cabisbaixo e pensativo, ruminando coisas que não dizia à esposa.

Até que, em uma noite, despiu-se de quaisquer preconceitos e falou para a mulher:

– Tu queres ter um filho.

– Não quero! Foi a resposta lacônica

– Queres sim!

Hesitou por alguns segundos e disse:

– Eu não me importo!

Marta arregalou os olhos para o marido, em silêncio.

– Eu sei que o vizinho quer fazer coisas contigo. Noto muito bem como ele te olha...

Marta arregalou os olhos mais ainda e nada falou.

O vizinho já havia tentado e ela reagira contundente. No entanto, não imaginava que o marido tivesse percebido algo. Pensou bastante. Depois falou, num tanto severa:

– Se Deus não quer que eu tenha um filho teu, não aceito filho nenhum... E ponto final!

* * *

Marta morreu aos trinta e dois anos de idade. De início surgiram manchas roxas sobre a pele. Quando sangrou pela gengiva, foram ao médico. Alfredo não entendeu a explicação do médico, todavia, percebeu o inexorável desfecho. Uns tais glóbulos brancos estavam tomando conta do sangue.

Ela seguira heroica até o fim. Ele atemorizado desde o início.

* * *

Após a morte de Marta, viveu como se não houvesse mais mundo, nem gente.

A lavoura transformou-se em capoeiral. Quando morreu a última vaca leiteira, ele a deixou no local para a festa dos corvos. Gostaria que os abutres o devorassem também.

Tempos depois, um plantador de muitas terras, que já comprara a terra do vizinho, propôs-lhe arrendamento. Alfredo concordou, sem uma palavra. Aquiesceu com leve

meneio da cabeça. Não queria dinheiro. Recebia alguns gêneros alimentícios essenciais: café, erva-mate, açúcar, sal, pimenta, bolachas e algum defumado.

* * *

Adentrava o mato com furor. Dali arrastava a lenha até o galpão. Não mirava as estrelas, nem o firmamento. Afora as lúgubres mateadas solitárias, tinha um entretenimento: o rio Ijuí, com sua canoa de madeira. Pescava sempre que possível. Remava rio acima para facilitar o retorno. Subia costeando o barranco.

Usava duas linhas para a pesca. Uma com anzol maior e isca que não poderia ser devorada pelos peixes menores. Prendia a linha no dedão do pé direito. A outra, de anzol menor, iscava com minhocas e a controlava com a mão. Silêncio absoluto. Aos demais pescadores que passassem por ele, o máximo de atenção que lhes dava, consistia em um leve abano de cabeça.

* * *

Ninguém mais lembrava seu nome. A própria viuvez foi sendo esquecida gradativamente. Tornou-se conhecido como o pescador solitário e mudo.

Os anos se passavam na rotina do morto-vivo. Até que, ao entardecer de um dia prenunciando chuva, Alfredo, que também esquecera seu próprio nome, sentiu um brutal solavanco no pé direito que o fez soltar a isca de mão. Um enorme dourado fisgara-se no anzol maior.

Foi a primeira emoção vigorosa que o deixou com vontade de lutar e sentir o prenúncio de uma vitória. Sentiu laivos de felicidade. Estampou-se um sorriso em sua face. Dominou os piparotes do peixe a saltar metros para fora da água e jogar-se de volta em mergulhos fantásticos.

Ao tentar colocar o peixe dentro do caíque, ambos exaustos – peixe e pescador –, sentiu uma dor brusca no peito. Deu um grito estridente, misto de angústia e felicidade:

– Martaaaaaa...

O dourado seguiu lentamente, tracionando o barco e cadáver até outro remanso do rio.

HERNÂNI DONATO

Fontes de Alencar

Nascera em Botucatu aos 12 de outubro de 1922. A 22 de novembro último na Capital paulista falecia o autor de *Peabiru*.

O botucatuense que se mostraria sempre incansável deixara de lado os estudos superiores formais e seguiu o caminho dos gentios *pejado de lendas, dúvidas e mistérios, mas alicerçado no testemunho de abundante crônica histórica, ...um caminho pré-colonial, via indígena de penetração, que partia do lagamar santista, galgava o planalto e desbordava no rumo das brenhas do Oeste, ...* E quando o recebeu na Academia Paulista de Letras ainda disse o Acadêmico Francisco Marins:

Aquele traçado a que se chamou Peabiru, desde Piratininga buscava Sorocaba e dali infletia para a fazenda de Botucatu, na serra, e, além, ia em direção do Paranapanema, buscando o território das missões para alcançar o Rio Paraguai. Pelos tributários, poderia o aventureiro chegar até às terras dos incas.

Sua produção cultural é rica e enriquecedora dos que a buscam. Escreveu livros para infantes e adolescentes; foi contista; historiador, ensaísta e tradutor; roteirista cinematográfico e criador de romances.

Aqui em Brasília integrou a Academia de Letras do Brasil ocupando a Cadeira XI, dela Patrono Oswald de Andrade.

Ademais, compôs a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras..

Filhos do Destino – História do Café e do Imigrante em São Paulo – republicado por Edições Melhoramentos, repete a *Introdução à 1ª Edição*, de 1950. Eis as palavras do autor:

Nesta história, que não é bem uma história segundo o entende a maioria dos leitores, os personagens humanos não são os principais. Principais são uma planta, um tempo e uma mentalidade. Uma planta, um lugar e uma época em que, com cinco bilhões de cafeeiros formando a maior lavoura organizada do mundo, São Paulo hesitava entre a agricultura e a indústria. Um tempo em que

o movimento de massas humanas, indo para o campo e fugindo dele (o imigrante europeu e o negro recém-libertado), tumultuavam o planalto.

A terra de que se fala aqui, existe. Lá está no centro-sul do Estado, junto a um ramal da Sorocabana e ao lado da rodovia São Paulo – Mato Grosso. A gente que desfila nestas páginas é, em parte, como a gente que ali vive. Nem tudo no livro é fantasia.

E o filho de imigrante traça o panorama da chegada:

Barra de Santos, 1895.



O sol e o vento vêm da terra. O mar é manso e o dia termina. Entre a água e o céu, o horizonte encrespa-se num perfil de montanhas. Os sentidos estão postos nelas (...)

Nas escotilhas, pelo cordame, furiosamente comprimida contra a amurada aperta-se a multidão vinda de todos os caminhos ao peso dos fardos eternos: a fome, a guerra, a opressão. Neste minuto são uma só raça: imigrantes; com uma só religião: o amanhã.

...

Mil novecentos e dezenove. A zona do café. A época do café.

... Não veio só. Primeiro trouxe os homens que o trabalham. Depois, o dinheiro, a fartura, o progresso.

... Os cafeicultores não pedem. São os senhores do país.

Aquela fazenda de café ficou no passado.

Anda pela sala e tem os sentidos postos na Capital. Na casa que ambiciona comprar para si e para o pai. Na artéria da elegância paulistana. A Avenida Paulista. Uma avenida de mármore, landôs, árvores decorativas. Avenida sonhada, criada e mantida para a velha aristocracia fugida das fazendas. Um espelho do fastígio cafeeiro – assim escreveu o romancista.

Outros romances deu-nos Hernâni Donato, entre os quais *Chão Bruto – A Conquista do Extremo Sudoeste Paulista*, de 1956, e *Rio do Tempo*, biografia romanceada de Antonio Francisco Lisboa. Nessa obra donatiana, que é excepcional, o leitor é conduzido pelos caminhos de Minas a Sabará, São João del Rei, Vila Rica, Mariana, Congonhas ... e reencontra figuras valorosas da Inconfidência Mineira; e, sobretudo, o impar Aleijadinho e sua Arte. Vale aqui recordar versos de Carlos Drummond de Andrade, de

O vôo sobre as igrejas

Vamos até a Matriz de Antonio Dias

Onde repousa, pó sem esperança, pó sem

lembrança, o Aleijadinho.

Vamos subindo em procissão a lenta ladeira.

.....

*Era uma vez um Aleijadinho,
não tinha dedo, não tinha mão,*

raiva e cinzel, lá isso tinha,

era uma vez um Aleijadinho,

era uma vez muitas igrejas

com muitos paraísos e muitos infernos,

era uma vez São João, Ouro Preto,

Mariana, Sabará, Congonhas,

Era uma vez muitas cidades

E o Aleijadinho era uma vez.